



## Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

### O que vem do alto está acima de todos

Exegese de Jo 3,27-36 e hermenêutica da sua teologia sobre a natureza de Jesus Cristo

*Elielson Macedo Feliciano<sup>1</sup>*

#### **Resumo**

Exegese e hermenêutica em João 3,27-36. João Batista explica a diferença de natureza entre ele e Jesus. Histórico-socialmente identifica-se um contexto pós-pascal, onde é necessário provar aos seguidores de João e a um judeu que Jesus é o Messias que vem do alto, numa clara seção de alta cristologia e sua consequente soteriologia.

**Palavras-chave:** Cristologia, Soteriologia, Batismo, Purificação.

Segundo Jo 3,22-26, uma discussão entre os discípulos de João e um judeu acerca da purificação, chega até João Batista, pois os debatedores buscam dele a solução sobre o que discutiam, mas o fazem com uma inusitada pergunta: “Rabi, aquele que estava contigo do outro lado do Jordão, de quem deste testemunho, batiza e todos vão a ele”.

Estranhamente, em meio a uma discussão sobre purificação, insere-se outra questão sem conexão sobre a ação concorrente de Jesus como batizador. Mas tudo fica ainda mais obscuro para o leitor quando lê a resposta de João, que desvia sem nenhuma coerência. Estamos diante de um texto

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, graduando em letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestrando em Teologia pela PUC-RJ, membro do grupo de pesquisa sobre *Mediações e práticas restaurativas* do Departamento de Teologia da PUC-RJ



truncado e sem aparente coesão, pois o Batista começa a comparar e explicar a diferença entre o seu papel e o papel de Jesus.

A referida resposta de João é uma explicação sobre a natureza distinta dos dois enviados, diferença entre os mensageiros divinos João e Jesus. Trata-se de um texto de profundo teor teológico, de alto desenvolvimento cristológico e soteriológico que só pode remeter, o mais remotamente, aos fins do primeiro século da cristandade, ou seja, não pode ter vindo do João Batista histórico. Sobre esse texto de João 3,27-36 é que vamos nos debruçar. Para a análise que queremos fazer precisamos antes nos deter na sua exegese. Primeiramente, umas informações de teor técnico: precisamos justificar a delimitação de nosso texto.

#### 1) Delimitação:

No texto de Jo 3,27-36, logo após o enunciado “Respondeu João e disse” segue um discurso. Esta é a perícopes em estudo e que foi antecedida pelo relato, que forma com ela uma estrutura de relato-discurso<sup>2</sup>.

O texto antecedente encontra-se demarcado em Jo 3,25-27 mais a parte do enunciado que o inicia. Em Jo 3, 27-36 encontra-se um discurso de João Batista que está inserido numa perícopes maior de estrutura relato-discurso composta desse e de seu relato introdutório em Jo 3,25-27. Nota-se então que o texto antecedente constitui o relato ou a narrativa que introduz o discurso.

---

<sup>2</sup> MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos*. Porto Alegre: Mazzarolo, 2000, p.31.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

O texto subsequente à perícopes em análise é o do conhecido episódio de Jesus em Samaria, em que ele tabula um diálogo com uma mulher samaritana, Jo 4,1-40. No entanto, seguindo o critério de gênero literário, a parte narrativa de 4,1-10 já delimita a nossa perícopes. Em suma, o discurso que se encontra em análise está antecedido e sucedido de outro gênero, que é o narrativo. Antecede à perícopes Jo 3,25-27 e sucede o de Jo 4,1-10.

#### 2) História da redação

Segundo o modelo teórico de Boismard/Lamouille<sup>3</sup>, a perícopes em tela passou por três mãos de redatores: Jo II-A, Jo II-B e Jo III. Essas serão demarcadas mais adiante quando analisarmos estas camadas redacionais.

Do exame de Jo 3,27-30 (Jo II-B), e anteriores, depreende-se que por trás desse há uma controvérsia entre os seguidores de duas personagens vistas como messias, João e Jesus. A autonegação messiânica sendo proferida por João Batista, proclamando não ser o cristo/messias ganha especial relevância nesse ambiente da Ásia Menor. Isso porque, ao tempo das atividades missionárias de Paulo nessa região, os discípulos de João ainda estavam em atividade e fazendo prosélitos, At 19,1-7.

Já em Jo 3,31.b-34 (Jo II-A) há uma sentença de teologia cristológica, inserida na controvérsia da natureza do Cristo e de sua autoridade acima das instituições humanas judaicas. Percebe-se aí a adversidade entre cristãos e judeus nos moldes após destruição do templo<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> MAZZAROLO, *Lucas em João*, p. 11.

<sup>4</sup> BOISMARD, M-É. et LAMOUILLE, A. *L'évangile de Jean*, Em: *Synopse des Quatre Évangiles en Français*. Paris: CERF, 1977, p. 57.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

Em Jo 3,31a e Jo 3,35-36 (Jo III) destaca-se uma soteriologia fundamentada na autoridade celestial do Cristo. A comunidade destinatária, de judeus-cristãos, tem problemas de doutrinas errôneas, como por exemplo, quanto à realidade da encarnação. Ele também tenta amenizar as formulações contra os judeus não-cristãos, típicas do segundo redator<sup>5</sup>.

### 3) Contexto literário<sup>6</sup>

Considerando as pesquisas de Boismard e Lamouile, que defendem a morte do Apóstolo João ter ocorrido nos anos 44-46 fazendo com que o evangelho tivesse as marcas de outro redator. Eles sustentam, ainda, que o evangelho é formado em diferentes estágios redacionais: 1) escrito na Samaria ou num ambiente de estilo samaritano, na Palestina, sendo esta uma fonte utilizada por Marcos e Lucas denominada Documento “C”; 2) a retomada do Documento “C” por um segundo redator ainda na Palestina, que acrescenta e amplia a redação anterior (Jo II-A); 3) corresponde a influência de outro ambiente, da Ásia Menor, provavelmente Éfeso, esse material apresenta a hostilidade existente entre judeus e cristãos, essa redação seria a de Jo II-B, que junta material dos Sinóticos e acrescenta os discursos; 4) um terceiro redator, nesta quarta fase é responsável pelos últimos retoques, invertendo a ordem de alguns textos e se esforçando para atenuar os traços anti-semíticos do segundo redator.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> BOISMARD, *L'évangile de Jean*, p. 59.

<sup>6</sup> MAZZAROLO, Isidoro. *Nem aqui, nem em Jerusalém: o Evangelho de João*,. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2001, p. 18-32.

<sup>7</sup> MAZZAROLO, *Nem aqui, nem em Jerusalém*, p.18-19.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

Visto que o evangelho de João está presente num fragmento do século II, o papiro 52, temos aí a data mais tardia para a sua composição e considerando que o texto parece mostrar conhecimento do Evangelho de Lucas podemos datar a redação final entre 80-90 EC.<sup>8</sup>

A queda de Jerusalém em 70 dá um único traço para o conceito de judeu, pois ficam aí fundidos todos os partidos religiosos, ou o que resta deles. O convívio entre judeus e cristãos ganha *status* de conflito e finalmente há a ruptura dos anos 85, quando um concílio judaico em Jamnia classifica como heresia a seita do Nazareno. Quando o Documento “C” se refere aos judeus, estes se limitam aos sumo sacerdotes, fariseus e autoridades do templo, quando utilizava esse termo sem conotação pejorativa estava apenas se referindo aos moradores da Judeia.

Quanto ao nível do relato de Jo II-A, o termo “judeus” se refere aos que expulsam Cristo do templo ou se opõem a ele em outras diversas ocasiões, recusando-se a reconhecê-lo como o Messias. Em Jo II-B, “judeus” são os que, professando fidelidade a Moisés rejeitam Jesus, ou seja, a leitura produzida sob a luz da ruptura radical de Jamnia.

#### 4) Gênero Literário

A estrutura de Jo 3,27-36 é de um discurso que pertence a uma estrutura maior do tipo relato-discurso, Jo 3,25-36. Tal é recorrente no Evangelho de João, tanto que faz com que Grant acredite que João é dependente do estilo lucano<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982, p. 314.

<sup>9</sup> MAZZAROLO, *Lucas em João*, p.31.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

Peter Borgen indica que a técnica homilética dos discursos, a exemplo do que aparece em Fílon e nos *midrashim*<sup>10</sup> judaicos, era comum no tempo de Jesus. Tal forma normalmente inicia por uma citação do Antigo Testamento. No entanto, para Boismard/Lamouille, a leitura adotada por João é a de contar um fato, narrar um sinal e em torno dele fazer uma homilia.<sup>11</sup> Lendo por esse prisma verifica-se que a perícopes aqui demarcada como antecedente oferece o “fato”, uma controvérsia em torno de um tema salvífico e litúrgico (purificação), seguido de uma pergunta cuja resposta se abre não mais em relato, mas em discurso. A perícopes em estudo seria a “homilia”.

A linguagem encontrada em Jo 3,27-36 está carregada de oposições: “não pode ... se não...”; “não sou ... mas sou o ...”; “o que tem ...é...mas o...”; “crescer/diminuir”; “da terra/do céu”; “embora (...) ninguém receba/ o que recebe” e “o que crê/o que desobedece”. A linguagem parece ter influência de Paulo. De fato, em Jo 3,31 encontramos paralelo em 1 Co 15,47<sup>12</sup>, o mesmo ocorrendo em Jo 3,35-36 com relação a Ef 5,6.<sup>13</sup>

#### 4) Tradução

Ao fazermos a tradução já dividimos o texto seguindo a teoria de Boismard-Lamoille que identifica neste texto três camadas redacionais, Jo II-A, Jo II-B e Jo III, isso será importante, pois poderá nos auxiliar no momento em que formos identificar a situação vivencial que originou o texto.

---

<sup>10</sup> O termo *midrashim* é o plural de *midrash* que por sua vez é derivado do radical hebraico *darash*, que significa pesquisar, investigar. O *Midrash*, então, é uma exposição dos *pessukim* (versículos) da Torá, realizados pelos estudiosos judeus.

<sup>11</sup> MAZZAROLO, *Lucas em João*, p. 31.

<sup>12</sup> BOISMARD, *L'évangile de Jean*, p. 119.

<sup>13</sup> BOISMARD, *L'évangile de Jean*, p. 116.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

#### João 3, 27-36

*(Jo II-B)*

*27 Respondeu João e disse: não pode um homem receber nada se não for dado a ele do céu.*

*28 Vós mesmos testemunhais de mim que disse que não sou eu o Cristo, mas que sou enviado adiante dele.*

*29 O que tem a noiva, noivo é, mas o amigo do noivo que está presente e o ouve se alegra, alegria por causa da voz do noivo. A alegria, a minha completou-se.*

*30 Aquele convém crescer, mas a mim diminuir.*

**(Jo III)**

**31(a) O que vem do alto está acima de todos;**

*(Jo II-A)*

31(b) o que é da terra, da terra é, e da terra fala. O que vem do céu [está acima de todos.]

32 Quem vê e escuta, este testemunha, embora a testemunha [mesmo] ninguém receba.

33 O que recebe aqui a testemunha certifica que Deus é verdadeiro

34 Aquele enviado de Deus a palavra de Deus fala, não dá o espírito por medida.

**(Jo III)**

**35 O pai ama o filho e tudo deu na mão dele.**

**36 O que crê no filho tem vida eterna. Mas o que desobedece ao filho não verá vida, mas a punição permanece sobre ele.**



#### 5) Crítica textual

A frase “está acima de todos” presente no v. 31 b, é um acréscimo. A variedade e a importância das testemunhas em favor do texto curto fundamentam essa posição, que é atestada pelo texto Ocidental<sup>14</sup> é apoiada pelo texto Cesareense<sup>15</sup> e especialmente pelas testemunhas mais antigas do texto Alexandrino: P<sup>75</sup> e Orígenes<sup>16</sup>, e ainda o Saídico<sup>17</sup>. A adição é explicada pela influência do v.31a: “o que vem do alto”.<sup>18</sup>

Quanto ao v. 32, deve se omitir o “mesmo” (*toûto*) na frente de “testemunha”. As testemunhas a favor desta omissão são as mesmas que para a alternativa precedente, com a exclusão daquelas do texto Alexandrino<sup>19</sup>. As duas alternativas são interdependentes. A finalidade da adição, concordando com a opinião de Boismard/Lamouille, era fazer o texto grego mais fácil de ser lido<sup>20</sup>.

Quanto ao v. 34 b há uma variante que apresenta “não dá o espírito por medida”, trata-se de um texto de difícil entendimento. Há uma omissão do objeto direto “o espírito” no manuscrito

---

<sup>14</sup> O Texto Ocidental desenvolveu-se na metade do século II em Roma e na região da Gália e do norte da África, ou seja no ambiente cultural latino. Contém alterações bastante radicais em Atos e nos evangelhos, no primeiro caso chega a ser 10% mais longo que o original. PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. p. 84-86.

<sup>15</sup> Texto Cesareense remonta ao século II, é um estágio da formação do texto bizantino, caracteriza-se por uma distintiva mescla das formas alexandrina e ocidental. Conferir PAROSCHI, *Crítica textual*, p. 86-87.

<sup>16</sup> Orígenes, (185 — 253 EC) foi um teólogo e escritor cristão, um dos pais da Igreja.

<sup>17</sup> Saídico é o dialeto Copta do sul do Egito, para o qual o Novo Testamento foi traduzido no século IV. Tais manuscritos representam as versões coptas mais antigas do NT. A antiguidade da versão saídica faz dela um testemunho importante do texto neotestamentário. Essa versão relaciona-se historicamente com o texto alexandrino, ainda que os evangelhos e Atos sigam o modelo ocidental.

<sup>18</sup> BOISMARD, *L'évangile de Jean*, p. 112.

<sup>19</sup> Texto Alexandrino, este é reputado como o melhor tipo de texto, com pouquíssimas modificações gramaticais e estilísticas, por isso mesmo não tem um grau muito alto de ploimento linguístico comparado, por exemplo, com o texto de Constantinopla. PAROSCHI, *Crítica textual*, p. 83

<sup>20</sup> BOISMARD, *L'évangile de Jean*, p. 112.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

*Vaticanus*<sup>21</sup>, no mesmo sentido há o testemunho da versão siríaca sinaítica<sup>22</sup>. O acordo entre uma das melhores testemunhas do texto Alexandrino, que é o *Vaticanus* e da testemunha da tradição siríaca é de primeira importância. A omissão, por um escrevente, do objeto direto, “o espírito”, seria difícil de justificar. Há ainda um texto ultra-curto atestado pelo manuscrito *Vaticanus*: “porque não dá com medida”. Seria plausível crer que se trata de uma glosa marginal que acabou sendo recepcionada no texto.<sup>23</sup>

#### 6) Mensagem do texto

Da análise literária já podemos perceber que um recurso que chamamos de “jogo de oposições” é utilizado para demarcar pontos teológicos importantes. São sentenças breves, mas de uma profundidade teológica grandiosa. Abarcam temas que em teologia dogmática, ou sistemática, seriam nomeados por cristologia, teologia e soteriologia.

#### a) Não sou o cristo *versus* sou o enviado adiante dele

A cristologia<sup>24</sup> que Jo 3,27-30 apresenta é a grande novidade do Evangelho segundo João. Nessa passagem lemos a afirmação do Batista que diz não ser o cristo/messias, mas alguém que fora

---

<sup>21</sup> *Vaticanus* é um manuscrito do século IV, o mais antigo dos grandes manuscritos bíblicos, provavelmente originário do Egito, permanece na Biblioteca do Vaticano desde o fim do século XV.

<sup>22</sup> Versão Siríaca Sinaítica é uma tradição textual do V ou IV século que juntamente com a siríaco-curetoniana compõem a *Vetus Syra*, ou seja uma versão em siríaco antigo, originalmente realizada, talvez antes mesmo do segundo século e tem inúmeros pontos de contato com a tradição do texto ocidental.

<sup>23</sup> BOISMARD, *L'évangile de Jean*, p. 112.

<sup>24</sup> Cristologia é a doutrina teológica a respeito de Cristo, sua natureza, sua obra, sua relação com a humanidade e com a Trindade. Uma cristologia de baixo parte da vida de Jesus até sua ascensão, uma cristologia do alto realça a sua existência anterior como o Verbo Divino até sua encarnação e glorificação.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

enviado adiante dele. A oposição de termos se dá entre dois tipos de mandatários de Deus: “cristo/messias” e “o enviado”.

O messias não deixa de ser um enviado, mas sua função tem dignidade real e é uma investidura vitalícia, ao passo que "o enviado" é um mandatário cuja missão se encerra com a devida prestação de contas àquele que o enviou. Parece que João se coloca em cumprimento de Is 40,3, no qual reside o seu mandato.

*Khristós* traduz-se por ungido e tem o mesmo significado da transliteração grega messias do aramaico *mesiha*. No Antigo Testamento, em hebraico, encontramos dois detentores de cargos que são descritos como *mesiah*: são os sacerdotes e o Rei. Em ambos os casos a unção é essencial para conferir o cargo, assim como diz respeito à responsabilidade diante do Deus de Israel<sup>25</sup>. No Evangelho Segundo João há uma compreensão da realeza de Jesus na conversação de Jesus e Natanael, assim como no diálogo entre Jesus e Pilatos, e deste Procurador com os principais sacerdotes. Também no debate com a mulher samaritana, Jesus mesmo se revelou como o messias esperado.

O termo “enviado”, do grego *apestalmenós*, diz respeito ao delegado para um propósito especial. O grego conhece outro termo, *pempô*, mas este não ultrapassa o sentido de enviar, ao passo que *apostello* tem a carga semântica de uma conexão estreita entre quem envia e quem recebe a incumbência<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> RENGSTORF, K.H. Em: BROWN, Colin & COENEN, Lothar (orgs). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1079.

<sup>26</sup> Von EICKEN, E; LINDNER, H. Em: *Dicionário ...* p. 154.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

A fórmula do séc III AEC “os enviados do rei”, utiliza-se justamente do vocábulo *apestalmenoi*. Na filosofia estoica popular a ideia da autoridade do emissário como representante de seu mestre adquiriu um significado religioso<sup>27</sup>.

A LXX<sup>28</sup> emprega *apostello* e *exapostello* umas 700 vezes para traduzir *salah*, que foi traduzida por *pempô* apenas 5 vezes. A LXX emprega *apostello* e seus cognatos para significar a autorização para cumprir alguma função ou tarefa específica. A ênfase recai sobre a autoridade da pessoa que envia. De fato, o termo em hebraico, *saliah*, significa uma pessoa que age em plena autoridade proveniente de outra.<sup>29</sup>

Fundado num exame da *halaká*<sup>30</sup>, pode-se afirmar que, no direito judaico, aquele que envia, embora seja superior ao enviado, ainda assim é um com ele. O enviado deve cumprir sua tarefa em estrita fidelidade e obediência. Uma vez investido de sua missão deve ser recebido com a mesma honra e respeito que merece aquele que o enviou.<sup>31</sup> No Evangelho de João, Jesus é o enviado plenipotenciário do Pai. É um com o Pai (10,30; cf. 17,21; 10,38; 14,10.20); sua função é a mesma de quem o enviou (14,9; cf. 12,45); quem não honra Jesus, não honra o Pai que o enviou (5,23).

Utilizando o jogo de oposições, “não-cristo/ o enviado”, o escritor faz a devida distinção dos papéis de Jesus e de João Batista. Jesus não é um cristo é o Cristo, o Messias de Deus esperado. Embora

---

<sup>27</sup> Von EICKEN, Em: *Dicionário ...* p. 154.

<sup>28</sup> LXX : tradução da bíblia hebraica para o grego largamente presente nas citações neotestamentárias.

<sup>29</sup> Von EICKEN, Em: *Dicionário ...* p. 155.

<sup>30</sup> Halaká, é o comentário midráxico das partes legislativas da Torá (Lei) e fundamenta-se na elaboração de normas de conduta.

<sup>31</sup> TUÑI, Josep-Oriol & ALEGRE, Xavier. *Escritos Joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Ave-Maria, 1999, p. 94.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

também seja um enviado de Deus, no entanto é o Filho, como ele mesmo afirma em Jo 3,17, que é duplicado em Jo 2,1-13.

#### **b) O que vem do alto/do céu *versus* o que vem da terra**

Um notável entre os judeus, um mestre em Israel, recebe o ensino de Jesus, e os discípulos do Batista, acompanhados de um judeu, recebem o mesmo ensino. Contudo, os dois enviados de Deus têm naturezas distintas. Enquanto João era terreno, Jesus era um enviado celestial. Jo 3,31 (Jo II-A e Jo III) trata de um tema eminentemente cristológico, mas de uma alta cristologia, pois o movimento não se dá terra-céu, mas céu-terra-céu.

O judaísmo contrastava entre “em cima” e “em baixo”, entre a esfera divina e a humana. Há um paralelismo entre o terrestre e o celeste. Assim como no céu há as doze constelações, em baixo existem as doze tribos. O próprio Deus estuda a Torá no céu assim como os homens o fazem na terra<sup>32</sup>. *Ouranós*, firmamento, arco celeste. O adjetivo *ouranios* significa “aquilo que está no céu”, “vem do céu!” ou “aparece no céu”<sup>33</sup>.

No AT, assim como no Oriente Antigo, o submundo, a terra e o céu, formavam juntos o edifício cósmico. O tabernáculo foi construído conforme um modelo celestial (Ex 25,9 e 40). Javé criou o céu e todos os seres celestiais o louvam (Sl 29,9). Está entronizado no céu, desceu da sua habitação acima do firmamento (Ex 24,9 ss). No entanto, o “Nome” de Javé habita no templo, pois nem

---

<sup>32</sup> BIETHENHARD. H; Em: *Dicionário ...* p. 341.

<sup>33</sup> *Idem.*



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

mesmo o céu pode contê-lo (I Rs 8,27; Sl 113,5-6).<sup>34</sup> O NT, em perfeita continuidade com os pressupostos do oriente antigo e, por isso, não dista muito do que já foi referido em relação ao AT, declara que Deus habita no “céu”, e é chamado de “Pai celeste” várias vezes em Mateus (Mt 5, 16, 45; 6,1; 6,9; 7, 11; 7,21; 10, 32-33; 12,50).<sup>35</sup>

No Evangelho Segundo João, a palavra *ouranós*, “céu”, ocorre apenas no singular, estão ausentes as especulações gnósticas e as judaicas.<sup>36</sup> *Gé* é a terra ou o mundo, na mitologia grega antiga “*ge*” e “*ouranós*” estão entre as divindades mais antigas, contudo não eram encaradas como os deuses épicos homéricos.<sup>37</sup> O argumento de que Jesus é do céu reconhece a autoridade dele sobre tudo. Diante dele o enviado, que é terrestre, só se ajunta no testemunho, indo “adiante dele” (Jo 3,28).

#### c) Ninguém recebe a testemunha *versus* o que recebe a testemunha

A temática soteriológica domina Jo 3,32-36 (Jo II-A e Jo III). Uma verdadeira evangelização se desenvolve partindo do conhecimento do Cristo, que é a revelação do próprio Deus, e atravessa a questão antropológica da liberdade humana para a aceitação, ou negação, diante da revelação do cristo/messias de Deus.

Sobre *lambánw* (receber) sabe-se que, primariamente, significa “agarrar”, “amarrar”, o que é atestado desde Homero. Mas o sentido aqui é o de “receber”, no NT é atestado 258 vezes, em João 46 vezes<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> BIETHENHARD, Em: *Dicionário* ... p. 342-343.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 345-346.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 348.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 2493.

<sup>38</sup> SIEDE, B. Em: *Dicionário*, p. 2527-2532.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

Em Jo 3,32-33, quem recebe o testemunho (*marturía*) de Jesus, certifica (*esphrágisen* – lit. aplica seu selo) que ele é verdadeiro. E quem o recebe, recebe o Filho, e quem recebe o Filho tem a vida Eterna, Jo 3,36.

Quem não o recebe está destinado a permanecer sob a ira divina, Jo 3,36. Esses, observando o contexto literário e ao *Sitz in Lebem*, ou seja, sua situação vivencial, seriam os judeus e ainda os que se fiavam no batismo de João, pois esperando ainda um messias, estariam renegando-o tacitamente, por não reconhecerem Jesus Cristo. Essas são as personagens do texto antecedente, que é o relato que precede o discurso do Batista em Jo 3,27-36, formando com ele uma estrutura de relato-discurso. O “receber” envolve o “crer”, que não é uma mera atitude mental, envolve a obediência, quem não crê é um desobediente.

#### d) Crê *versus* desobedece

Ante o Cristo e a escolha de aceitá-lo ou rejeitá-lo está a atitude concreta do crer. Quem aceita, crê, que aqui é obedecer, é uma atitude objetiva e não meramente subjetiva. Trata-se evidentemente de um tema soteriológico. Crer (*pistéuw*), confiar, também significa obedecer, quando se trata de pessoas, dessa forma é atestada em Sófocles. Nas religiões místicas, a fé significava o abandono de si mesmo à divindade, de sua instrução e de seus ensinios<sup>39</sup>. Trata-se em João de um sentido que

---

<sup>39</sup> MICHEL, O. Em: *Dicionário ...* p. 809.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

deve ser entendido como anti-gnóstico<sup>40</sup>, pois crer no testemunho é necessário para se obter o verdadeiro conhecimento da verdade.<sup>41</sup>

No AT, a raiz *'aman* significa “ser leal, digno de confiança”, a raiz *batah*, na LXX *pepoithenai* significa “esperar”, no sentido de “confiar”, “depende de”<sup>42</sup>. Para a tradição judaica e cristã, o “arrogante” é condenado e o “justo” tem a promessa da vida, conforme Hc 2,3-4 o justo viverá pela sua fé ao passo que o soberbo não permanece. Relevante é a mudança de sentido que se tem lendo a mesma passagem na LXX, “o justo viverá pela minha fidelidade”<sup>43</sup>.

O jogo de oposição pode passar despercebido se não se levar em conta o sentido de “crer”, pois o verbete em português não dá conta de todo o significado, não se trata de mera aceitação subjetiva, mas de um envolvimento de obediência. A oposição se dá entre “crer” e “desobedecer”, ou seja, obediência/desobediência. O verbete grego *apeithwn* é composto do prefixo de negação “a” (gr.) e *peithwon*, que tem a mesma raiz que forma *pistew*, significa, portanto, desobedecer, entre outras possíveis traduções que não interessam no momento.<sup>44</sup>

A vida eterna é um dom de Deus e a chave para o seu recebimento é o recebimento do Filho, pois o Pai ama o Filho e tudo entregou em suas mãos, quem recebe o Filho recebe a Vida Eterna, mas quem voluntariamente o rejeita, jaz sob a ira (justiça) de Deus.

---

<sup>40</sup> Gnosticismo, originalmente um movimento que busca um conhecimento maior, mágico, místico, secreto aqui de forma mais estrita é a heresia combatida no Novo Testamento que opõe-se ao conhecimento de Deus através da revelação mediante a fé.

<sup>41</sup> MICHEL, O Em: *Dicionário...* p. 818.

<sup>42</sup> *Idem*, p. 811-812.

<sup>43</sup> *Idem*, p. 819.

<sup>44</sup> BECKER, O Em: *Dicionário ...* p. 808-809.



#### 7) Conclusão

Em Jo 3,25-26 dois grupos de religiosos discutem, os judeus e os discípulos do Batista. Ambos com expectativas messiânicas e inseridos na cultura religiosa judaica. O texto denota uma preocupação comum com o tema da purificação. Eles não entendiam o papel de Jesus, nem do batismo que se praticava por ele ou por seus discípulos. A questão formulada deveria versar sobre batismo/imersão como ato de purificação, no entanto a pergunta feita a João Batista é sobre a atividade batismal de Jesus em si.

João Batista, por sua vez, não responde exatamente a pergunta, mas o conceito que está por trás dela, qual seja, a não compreensão da missão das testemunhas, ele próprio e Jesus. Para tanto, testemunha não ser ele o Cristo, Jo 3,28. Apresenta-se como cumprimento da profecia de Isaías (Is 40,3), como aquele que foi enviado adiante do Cristo. Toda a resposta de João consiste num discurso que pode ser lido em paralelo com os discursos de Jesus a Nicodemos, em Jo 3,5-8, onde o que se discutia era o batismo como novo nascimento, um nascer “da água e do Espírito”.

Uma chave de leitura para se interpretar a resposta de João pode ser vista. O batismo de Jesus não se insere numa purificação provisória, mas num novo nascimento, numa mudança de natureza. Não há conserto para o velho, não há como purificar, tem que nascer de novo, tem que haver transformação como da água para o vinho. João se coloca como o amigo do noivo que se alegra com a sua presença, Jo 3,29. Não se pode deixar de lembrar que o primeiro sinal de Jesus no Evangelho de João se dá num ambiente de núpcias em Caná, Jo 2,1-10. Naquela ocasião, Jesus se comportou não como um convidado, mas como o noivo, pois a este caberia providenciar o vinho (Jo 2,9-10). E é Jesus quem fornece o vinho de seu próprio sangue, Jo 6,53. Vinho que proveio da água.



## Pos-Escrito

### Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

---

E é sobre água que trata a perícopos seguinte, em Jo 4,10, na auto revelação de Jesus à samaritana como detentor da Água Viva. Será que há uma continuidade temática entre Jo 3,34, quando afirma que ele “não dá o espírito por medida” e Jo 4,24, em que Jesus ensina àquela que coletava água de um poço, que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”? Se afirmativo, poderia se entender que o “não dar o espírito por medida” quisesse dizer que Deus, não fazendo acepção de pessoas, é liberal na dispensação dos dons de seu espírito.

#### **Conclusão**

João é um enviado de Deus, um embaixador, mas provém da terra. Jesus, porém, é um enviado que vem dos céus, vem do Pai. Nele o Espírito de Deus não está comedido, revela-se plenamente. Jesus recebeu das mãos do Pai, tudo, Jo 3,35. A Vida Eterna é garantida àqueles que aderem, crendo, no sentido de obedecendo, pois o descrente é desobediente e este está destinado à ira, ou seja, à justiça de Deus, Jo 3,36.

*Elielson Macedo Feliciano*

[elielson.macedo@gmail.com](mailto:elielson.macedo@gmail.com)